

Análise Cultural: o crítico e o desejo de realidade

Maria José Canelo

sobre Mieke Bal and Hent de Vries (eds.).

The Practice of Cultural Analysis. Exposing Interdisciplinary Interpretation.

California: Stanford University Press, 1999.

Os estudos culturais, durante muito tempo acusados de constituírem um campo vago, indefinido e carente de uma metodologia precisa, parecem começar agora a dar origem a outras áreas, que, bem cientes dessas críticas, apresentam focos e contornos precisos e metodologias bem estabelecidas. Com *The Practice of Cultural Analysis* estamos perante um desenvolvimento e uma derivação no campo dos estudos culturais, que com este manifesto anuncia a sua emancipação.¹

O presente volume constitui o cartão de visita da Amsterdam School of Cultural Analysis (ASCA), tendo resultado da primeira conferência da escola. Nele se explicita que a análise cultural, conforme entendida e praticada pelo grupo de críticos que compõe este volume, quer-se como um estádio além das humanidades e dos estudos culturais e distingue-se em particular pelo empenho do crítico em reflectir sobre o seu próprio papel na construção cultural—o seu desejo da realidade. Mieke Bal, que fundou e dirige a ASCA, organizou e orquestra toda a obra, assinando não só a introdução, como os capítulos introdutórios das várias secções.

Se partirmos de uma definição geral dos estudos culturais como uma investigação e problematização da natureza e implicações dos processos produtores da cultura e das condições materiais em que estes ocorrem, poderemos entender melhor onde reside a diferença da proposta da Escola de Amesterdão; basicamente, ela alarga a responsabilidade dos agentes da cultura. Propondo um entendimento da cultura como comportamento cultural, este passa a ser distribuído por dois sujeitos, *aquele que produz o objecto e aquele que produz conhecimento e significado sobre o objecto*. A análise cultural é, afinal, no percurso dos estudos culturais, uma reacção contra as acusações de superficialidade e indefinição. Prova disso é a teorização cuidada presente em vários capítulos do estudo, como a Introdução de Mieke Bal e os capítulos de Evelyn Fox Keller, Griselda Pollock ou Theo de Boer, por exemplo.

Bal sugere que, na análise cultural, a exposição ocorre como num museu, no espaço do presente: o presente é um museu pelo qual andamos como se fosse uma cidade, já que o acto de exposição é uma forma específica do comportamento discursivo. Como Jonathan Culler acrescenta, num dos posfácios, a prática do museu “socializa o acto de auto-reflexão,” evitando a cristalização da prática cultural. Daí também o subtítulo da obra, “Cultural Memory in the Present,” que poderia constituir uma definição breve da análise cultural: o recurso à memória, ao passado, para a análise do presente. Outra das distinções do método, herança clara dos estudos culturais, é a interdisciplinaridade—excepto que a análise cultural não é apenas o produto da articulação de várias disciplinas; a análise cultural assume-se como *a* interdisciplina, um *processo* de intermediação de saberes que recorre a uma série de ‘disciplinas colaboradoras.’

O conceito de agência está no centro da análise cultural. Afirma Bal que os objectos culturais são, antes de mais, uma exposição, um tornar público—logo, uma *performance*. O que distingue o trabalho da análise cultural, no entanto, é que ele não se centra na agência do criador pura e simplesmente, mas sobretudo na agência da construção de significado durante a análise. Para Bal, é, afinal, na construção de significado que reside a cultura. Determinante neste aspecto é o factor espacial. É a localização que define a cultura não como um elemento estático, mas como um processo. O sujeito/receptor não consegue evitar a sua posição num lugar. A sua ‘função posicional’ (recorrendo ao conceito de Kaja Silvermann) condiciona a forma como o analista cultural constrói o significado. Inovador, neste aspecto, é o facto de o lugar tomar relevância ante a linguagem, pela sua relação com o corpo e a subjectividade do sujeito e daí a sua influência no posicionamento deste. O que se pretende na análise cultural é, portanto, uma interacção com o significado no acto da sua construção. A análise cultural tem de ser tão móvel quanto a cultura, tem de ser um processo paralelo, de acompanhamento. Também por isso há que inverter a relação método/prática; na análise cultural, é o método que depende da prática e não vice-versa, embora o processo só seja dado por concluído no momento da reflexão, do exercício do método sobre a prática.

A única forma de viabilizar a análise parece ser a apreensão da cultura como um discurso, pressupondo que os comportamentos culturais, voltando à exposição no museu, não só emanam de uma intenção de comunicar como conduzem a comunicações/respostas, que formam, por si, novos comportamentos culturais. Todas estas manifestações são, explica Bal, ‘actos de fala’ es-

pecíficos, frequentemente mediados por meios extra-linguísticos, mas acessíveis apenas através da linguagem. O que a análise cultural faz é criar significado, mas autoconscientemente: o analista cultural descreve as estratégias discursivas que formam o objecto de análise, bem como o processo de construção de significado que o objecto sugere, mas o analista sabe, além disso, que ele próprio está a construir um segundo objecto cultural. Parece então lícito concluir que a análise cultural é uma meta-cultura, onde os críticos se analisam simultaneamente como agentes, os 'cultural workers,' como lhes chamou Stanley Aranowitz.

Uma das reflexões deste volume que mais contribui para dar substância teórica e reforçar as potenciais benesses da análise cultural é "Desire, Distance and Insight," de Theo de Boer, que propõe a delimitação do campo em duas fronteiras, desejo ('desire') e entendimento/penetração ('insight'). A primeira significa o desejo da realidade, e a segunda o conhecimento erudito que vem a ser integrado no desejo. A análise cultural é o percurso entre os dois— a 'distância'—que ensina justamente a reforçar o afastamento e a explorá-lo. A racionalização que caracteriza a análise cultural permite, por um lado, ultrapassar o receio que também constitui o desejo, e, por outro, encontrar no entendimento a sensatez e a prudência que garantem a tolerância perante a diferença. Por focar casos individuais e contextos precisos, a análise cultural, na opinião de de Boer, está particularmente vocacionada para a apreensão da diferença enquanto diferença. Como reforça Mieke Bal, a relação entre o objecto de análise e a construção da análise é entendida como recíproca, por isso "caracteristicamente, o argumento raciocina com o oponente, e não contra ele, de forma a conduzir a uma crítica de dentro [do texto]" (233)².

Os artigos deste volume encontram-se agrupados em três grandes áreas: a memória visual, o regresso de um *close-reading* renovado e a identidade e relevância do método de análise cultural. Como Bal salienta, a organização do livro pretende ser emblemática do que se quer que seja a análise cultural no terreno. As três secções da obra manifestam, em primeiro lugar, a prática, e só *à posteriori* a reflexão acerca da construção de conhecimento que a prática executou. A leitura dos capítulos deste livro flui sem se dar por isso, num passo que se aproxima de facto do da visita ao museu de que falava Bal na introdução. Para tal contribui bastante o recurso ao elemento visual, as imagens que acompanham grande parte dos capítulos. Aliás, a obra abre com uma reflexão sobre fotografia que funciona por analogia com a relação entre o analista cultural e o objecto de análise: o prelúdio coloca-nos perante os fotogra-

fos e as suas perspectivas, em vez da exposição em si. “Prelude: Dia-logic,” de Janneke Lam, ilustra bem o que a análise cultural pretende ser. Lam discute a consciência que o crítico tem da complexidade do elemento visual: ao solicitar a atenção daquele que vê para a sua selecção, o crítico está necessariamente a implicar o olhar e a interpretação do observador num objecto da sua escolha. Assim, a neutralidade dos elementos nunca consegue desfazer-se da psicologia do fotógrafo nem de elementos de identidade como o sexo, a situação cultural e a preferência pessoal, que inevitavelmente intervêm na perspectiva do que é oferecido ao público.

As três secções em que se divide o livro, independentemente prefaciadas por Bal, estabelecem a discussão da identidade da análise cultural em relação a três campos: a história, os estudos literários e as várias metodologias à disposição da nova ‘interdisciplina.’ A primeira parte do livro, sobre a memória visual, considera a interferência da perspectiva do passado e do instrumento de análise sobre as construções do presente. Na segunda secção, a proposta de regresso ao *close-reading* mas em função do discurso das identidades, agora reconhecido elemento cultural, reinsere no mapa da reflexão académica a afeição e a intenção que os *New Critics* rejeitavam como falácias e que os desconstrucionistas consolidaram com a distinção rígida entre objectividade e subjectividade. “Close-ups and Mirrors, The Return Of Close-Reading” instaura o *close-reading* como prática dialógica: “o texto não fala por si, mas replica; a teoria não vai conseguir sobrepor-se ao objecto, nem obscurecê-lo com os seus próprios contributos, imposições e controlo. Entre o texto e a teoria, um espelho móvel desloca-se para trás e para diante, para iluminar o espaço que a visão requer” (138). Na terceira parte, “Method Matters: Reflections On The Identity Of Cultural Analysis,” mais que afirmar uma metodologia precisa, ao contrário até do que Bal afirma na introdução, os artigos dão voz às tensões existentes na nova interdisciplina, confirmando o seu estádio experimental. A discussão permanece na própria secção de encerramento, também ela dialógica, com as perspectivas de William P. Germano e Jonathan Culler, dois vultos no campo dos estudos culturais: Germano, o editor da Routledge que mais tem apoiado a promoção dos estudos culturais no mercado, e Culler, um professor universitário que tem acompanhado a evolução do campo na academia e em particular a sua relação com os estudos literários. Figuras-chave em espaços de circulação e disseminação do conhecimento académico, a escolha destes dois testemunhos é coerente com uma das principais preocupações da análise cultural, a chamada à responsabilidade na construção cultural.

Pelo meio estão dezoito capítulos, que lidam com diversas formas culturais, provenientes das esferas da cultura erudita e da cultura popular, indiscriminadamente. A prática reflexiva que a análise cultural propõe é tónica comum a todos eles, embora seja mais notória nas análises práticas que em alguns dos textos de teoria e, mesmo naqueles surja mais à laia de apêndice do que com a centralidade que esperaríamos. Passo a salientar alguns textos, numa panorâmica geral. “The Finishing Touch,” de Evelyn Fox Keller, dá o mote ao princípio de reflexividade e reciprocidade subjacente à análise cultural. Ao explorar a tecnologia do olhar, após a descoberta do microscópio, Keller demonstra como o olhar toca necessariamente o objecto, e, portanto, a manipulação é parte integrante do olhar. Em “Vermeer’s Women,” Nanette Salomon argumenta que uma análise mais cuidada das técnicas de pintura de Vermeer permite contestar as ideias negativas tradicionalmente associadas às representações femininas nos quadros do pintor; o exercício de auto-crítica analisa brevemente como esta releitura faculta um entendimento positivo às mulheres dos nossos dias acerca do seu papel civil e sexual na sociedade. Em “Killing Men and Dying Women,” Griselda Pollock destrói as barreiras entre a arte de elite e a arte popular, através de uma análise de dois ícones culturais dos Estados Unidos da década de 50, nomeadamente, Jackson Pollock e Marilyn Monroe. Num dos artigos mais inspiradores do volume e de mais consistente interdisciplinaridade teórica, Griselda Pollock analisa a construção da identidade contraditória da ‘mulher artista’—na figura de Lee Krasner, pintora e esposa de Jackson Pollock,—face aos ingredientes de identificação insuficientes e contraditórios que a sociedade lhe oferecia: um modelo de artista claramente masculino (Jackson Pollock) e um modelo de mulher exclusivamente feminino (Marylin Monroe). Com Carol Zemel voltamos à fotografia; em “Imagining the Shtetl,” Zemel examina uma série de representações fotográficas da identidade judaica enquanto narrações culturais e visuais de nacionalidade e a partir daí o contributo destas para a representação dos judeus como ‘comunidade imaginada.’ Em termos de auto-reflexão, a análise permite traçar considerações acerca das motivações do autor, ele próprio judeu, na recuperação desse pedaço da imaginação judaica.

Em “Affective Reading: Loss of self in Djuna Barnes’s ‘Nightwood,’” Ernst van Alphen recupera aquilo que os *New Critics* condenavam como a falácia afectiva, ao argumentar que a leitura, como a análise, implica a perda da identidade e da identificação com as experiências das personagens. Porém, ao invés de cancelar a capacidade crítica, a experiência afectiva da

obra, explica van Alphen, ocorre sempre dentro da cultura na qual o livro significa. J. Cheryl Exum consegue uma análise dialógica entre a pintura e a construção cultural, em “Is This Naomi?,” com a qual pretende demonstrar como, enquanto receptores da cultura, podemos tomar decisões sobre essa mesma cultura. Explorando o androginismo de uma figura numa representação do Livro de Rute num quadro do pintor pré-rafaelita Calderón, Exum pretende expor como as construções contemporâneas da sexualidade condicionam os receptores a interpretar a figura como masculina, na expectativa de um modelo heterossexual, ou feminina, de acordo com um modelo homossexual.

“Cultural Critique,” de Johannes Fabian e “Cultural Variety and Metaphysical Unity,” de Louis Dupré, apresentam duas reflexões baseadas em pressupostos diversos sobre a cultura. Focando a pintura no Zaire, Fabian argumenta que o exercício da memória, tradicionalmente associado à pintura naquele país, transforma inevitavelmente o receptor num crítico da cultura nacional, o que faz da arte um espaço performativo; Dupré, por sua vez, considera a construção de significado enquanto produto da reflexão filosófica. O capítulo subscrito por John Neubauer, “Cultural Analysis and *Geistesgeschichte*” alarga a ideia de tolerância ante a diferença introduzida por Theo de Boer no capítulo imediatamente anterior, “Desire, Distance and Insight.” Neubauer acrescenta a necessidade de evitar a reconstrução dos objectos de análise com recurso a formas de interpretação puramente causais ou a críticas anteriores, as quais devem antes tornar-se também elas objectos do escrutínio da análise cultural. No último capítulo, Jon Cook considera o possível impacto dos estudos culturais e da análise cultural na reestruturação da Universidade, num momento em que esta passa a virar-se essencialmente para o mercado, a ser mais um instrumento para o aumento da eficiência económica—a ‘tecno-universidade.’

À beira da última secção, Bal reparte a responsabilidade do projecto futuro da análise cultural com os ‘observadores’ William P. Germano e Jonathan Culler. Germano aconselha o auto-conhecimento, a definição precisa do campo antes da partida para a análise de outros objectos; Culler articula as intenções da análise cultural, por um lado, com um projecto mais amplo de revisão da Universidade e, por outro lado, de reformulação do próprio campo dos estudos culturais. Tomando a análise cultural como “o lugar do sujeito dominado pela ansiedade,” Culler propõe que o seu modelo auto-reflexivo sirva de paradigma não só aos próprios estudos culturais, como a outras disciplinas, e que, sobretudo, inicie um ‘lugar de imaginação,’ no sentido de reflexão e criatividade, que possa servir a renovação da própria ideia de Universidade.

É difícil resistir a ver neste projecto uma reacção contra as acusações de que os estudos culturais têm sido alvo; um querer fazer melhor. Desta perspectiva, a análise cultural surge como uma teoria auto-suficiente, por assim dizer, um levar às últimas consequências as críticas aos estudos culturais; afinal, a análise cultural arroga-se a produzir conhecimento duas vezes. Desta maneira, e com esta descendência, dir-se-ia que não falta produtividade aos estudos culturais. Nem eles precisam que lhes digam quem são.

Desta abordagem espero que fique a ideia de que com *The Practice of Cultural Analysis* estamos perante uma iniciativa séria de reavaliação do contributo dos estudos sobre a cultura e de afirmação de um novo projecto, seja a análise cultural método, instrumento, inspiração, campo, processo, disciplina ou interdisciplina—ou uma combinação de tudo isto. A prática da auto-reflexão sobre a atitude crítica promete um exercício permanente de avaliação da cultura em formação que poderá ser salutar, embora também comporte riscos e precise de melhoramentos. Por exemplo, seria mais convincente a centralidade da auto-reflexão se esta fosse mais articulada com o primeiro exercício de análise, ou se, pelo menos, recebesse uma atenção equiparável, pois é evidente o desequilíbrio entre a atenção dispensada a cada um dos dois momentos de análise. Mas daqui poderá derivar também aquilo que pode ser um risco, e talvez seja o que os analistas culturais da ASCA estejam neste momento a tentar evitar: que a reflexão sobre a reflexão se perca na contemplação sistemática e degenera num maior investimento na teoria do que nas práticas. Mieke Bal afirma, aliás, que a intenção é “manter os pés assentes na terra” e esse deverá de facto ser o maior desafio da nova interdisciplina. *The Practice of Cultural Analysis* é, afinal, apenas o pontapé de saída. Enquanto aguardamos, o presente volume é estimulante para o crítico de qualquer área.

Notas

¹ Algumas referências essenciais na definição dos estudos culturais encontram-se em: Storey, John, ed. *What is Cultural Studies? A Reader* (NY: Arnold, 1997) e Grossberg Lawrence et al., eds., *Cultural Studies* (NY: Routledge, 1992). Entre alguns dos projectos de aplicação dos estudos culturais, saliento: Garber Marjorie et al., eds., *Field work: sites in literary and cultural studies* (NY: Routledge, 1996) e Rado Lisa, ed. *Modernism, Gender and Culture. A Cultural Studies Approach* (NY: Garland, 1992). Para uma avaliação da problemática da emergência dos estudos culturais de uma perspectiva académica portuguesa, ver: António Sousa Ribeiro e Maria Irene Ramalho, “Dos Estudos Literários aos Estudos Culturais?,” *Revista Crítica de Ciências Sociais* 52/53 (Nov. 1998/Fev. 1999): 61-83.

² Por uma questão de desenvoltura da escrita, optei por alargar a língua da recensão às citações da obra. As traduções são portanto da minha responsabilidade.